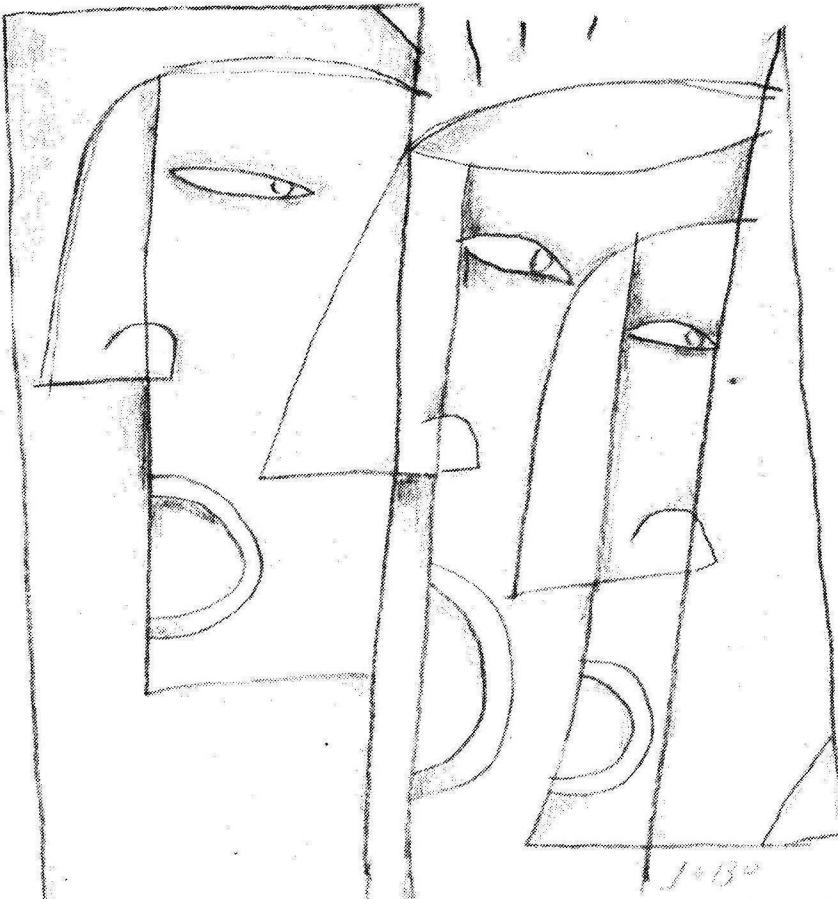


# Oportunidade e oportunismo

Josaphat Marinho

No curso da vida, há procedimentos oportunos e outros oportunistas. Há ações correspondentes, com lisura, a fatos ou circunstâncias, que acabam de ocorrer, e ações que os exploram, deformando-os por interesse. As primeiras refletem a análise apropriada, fiel à verdade na sua expressão real. Representam o comentário favorável, ou divergente, revestido de convicção e sentido ético. Traduzem uma idéia ou um sentimento, sem propósito mesquinho. As outras ações não comentam, desfiguram, não interpretam, subvertem. Tomam a palavra, que é sempre forma imperfeita de manifestação do pensamento, para considerá-la ao pé da letra e dar-lhe o alcance do proveito defendido. No primeiro caso, a observação indica o vigor da inteligência sem desvio, concordante ou em desacordo, tem a medida do julgamento correto, destituído de paixão ou de objetivo pessoal. É um juízo de oportunidade, próprio do diálogo democrático. No segundo caso, a crítica é tortuosa, transmite o odor malcheiroso do oportunismo.

Diante das surpreendentes declarações do ministro Rubens Ricupero, estranhavelmente captadas e levadas ao público, caracterizam-se as duas formas de apreciação. Houve a reprimenda compreensível, em face da surpresa que as revelações produziram. Foi o exercício natural da discordância. Todo pensamento enunciado está sujeito ao con-



fronto de outras opiniões. O descompasso na divergência, porém, não é confronto de idéias, antes revelação de apaixonamento ou de interesse irreprimível. Por isso mesmo não é julgamento sério e isento, mas parcialismo condenável. Exibe o colorido inseguro da pretensão momentânea. Muitas das críticas às declarações do ministro têm essa marca da falta de isenção e até de respeito humano.

Sobretudo as acusações de partido e candidatos opositos a Fernando Henrique Cardoso vestem-se do exagero, que não convence. O oportunismo eleitoral não lhes permite distinguir o erro ou a fraqueza de um instante, a que ninguém está imune, e o procedimento sóbrio do servidor do Estado e da comunidade, merecedor de consideração. O interesse e a ânsia de vitória mistu-

ram tudo, envolvendo a honra pessoal na violência da linguagem sem freios. Não cedem, sequer, diante do exemplar pedido de desculpas do acusado à sociedade, por suas fraquezas.

Esquecem os catões de ocasião que o povo acompanhou o comportamento do ministro Ricupero na administração do programa do governo, especialmente na transição para a nova moeda. Ainda que se pudesse divergir de uma outra providência, ou da falta de complementação adequada de qualquer delas, ora manifesta a competência dele, demonstrada com irrecusável comedimento. Pode dizer-se que o povo o compreendeu e integrou-se no seu esforço de combate ao consumismo e ao abuso do aumento de preços. Era impessoal e educativo. Não mencionava nomes de candidatos. Se o êxito do real beneficiava Fernando Henrique é porque lhe coube, e as seus assessores, a inspiração criadora da moeda substitutiva do cruzeiro, no conjunto das medidas do plano de emergência. Postura decente não deve negar essa verdade, nem confundi-la, na tentativa de enganar o povo, para conquistar votos.

Eis a reflexão que me pareceu justa desenvolver com a consciência coletiva, esclarecendo que não tenho relação pessoal ou política com o embaixador Ricupero, nem lhe frequentei o gabinete de ministro de Estado.

■ Josaphat Marinho é senador pelo PFL da Bahia